



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

### **PODE A RAZÃO COSMOPOLITA COMBATER O RACISMO EPISTÊMICO?**

**Michely Peres de Andrade**

**Doutoranda em Sociologia**

**(Universidade Federal de Pernambuco – UFPE)**

Como afirmou Achille Mbembe, durante os últimos três séculos, surgiram tendências intelectuais no ocidente, cujo objetivo tem sido conferir autoridade simbólica a certos elementos integrados ao imaginário coletivo africano. De acordo com o historiador camaronês, um conjunto de significados canônicos teria sido atribuído à escravidão, ao colonialismo e ao *apartheid*: em primeiro lugar, a ideia de que, através desses eventos, o eu africano tornou-se alienado de si mesmo. Nesse sentido, não apenas o eu (africano) não é mais reconhecido pelo Outro, como também não mais se reconhece a si próprio. O segundo significado canônico tem a ver com a propriedade, uma vez que, segundo a narrativa dominante, os três eventos históricos ocasionaram uma expropriação material e uma experiência singular de sujeição, caracterizada pela falsificação da história da África pelo Outro. Em terceiro lugar, a escravidão, a colonização e o *apartheid* são considerados “não só como tendo aprisionado o sujeito africano na humilhação, no desenraizamento e no sofrimento, mas também em uma zona de não-ser e de morte social caracterizada pela negação da dignidade, pelo profundo dano psíquico e pelos tormentos do exílio”. Na perspectiva de Mbembe, a produção dos significados dominantes destes eventos históricos foi colonizada por duas correntes ideológicas de pensamento: uma, nativista, outra, instrumentalista, que afirmam falar “em nome” da África como um todo. No trabalho que se segue, argumentamos que as reflexões de Mbembe, assim como ocorre em outras produções pós-coloniais (Gayatri Spivak; Homi Bhabha; Boaventura de Sousa Santos), não se esgotam na reconfiguração da história do eu africano, já que revigoram o debate em torno da necessidade de discutir as implicações da representação do sujeito subalternizado, do denominado Terceiro Mundo, na conjuntura do discurso ocidentalizado. Sob essa perspectiva, o objetivo central aqui é promover um diálogo entre esses autores, buscando aproximações teóricas e similaridades epistêmicas na sua busca de rediscussão da história africana e do sujeito



## **X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades**

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

subalternizado pós-colonial. Embora seja nítida a contribuição desses teóricos para a reconfiguração das narrativas hegemônicas, nos apropriamos da pergunta de Spivack “pode o subalterno falar?”, com a intenção de compreender em que medida conceitos como “tradução”, “razão cosmopolita” e “auto-inscrição” pode, de fato, combater a racionalidade ocidental dominante, o racismo epistêmico e a colonização da mente, refletindo sobre novas formas de articulação desse sujeito subalternizado.